

OCUPAÇÃO

RINO LEVI

10





OCUPAÇÃO

RINO LEVI

Realização  ItaúCultural

Parceria



FAUUSP

São Paulo, 2020





Coordenação editorial **Carlos Costa**

Edição **Amanda Rigamonti, Marcella Affonso** (estagiária) e **Thiago Rosenberg**

Conselho editorial **Ana de Fátima Sousa, Camila Nader Martins, Glaucy Tudda, Icaro Mello, Luciana Modé, Marcel Fracassi, Marcos Cuzziol, Rafael Gama Figueiredo** e **Tânia Rodrigues**

Projeto gráfico **Maria Carolina Nassif** (estagiária) e **Mily Mabe**

Edição de imagens **André Seiti** e **Humberto Pimentel** (terceirizado)

Produção editorial **Bruna Guerreiro** e **Pamela Rocha Camargo**

Produção gráfica **Líliá Góes** (terceirizada)

Supervisão de revisão **Polyana Lima**

Revisão **Rachel Reis** (terceirizada)

Colaboração **Ana Lúcia Duarte Lanna, Gisele Ferreira de Brito, Hugo Segawa, Joana Mello, Mônica Junqueira de Camargo, Renato Anelli** e **Tatiana Sakurai**



Editorial

ARTIGO

Rino Levi, um arquiteto integral

PROJETOS

Residência Castor Delgado Perez

Residência Olivo Gomes

Cine Ufa-Palácio

Edifício Prudência

Plano Piloto de Brasília

ARTIGOS

A architecture e a esthetica das cidades

Coleções para pesquisa e extensão

Créditos

10



14



26

32

38

44

50



56

60



64



Em 1925, quando ainda estudava arquitetura na Itália, **Rino Levi** (1901-1965) escreveu um texto para o jornal *O Estado de S. Paulo* – reproduzido nas páginas finais desta publicação – indicando o que seus futuros colegas de ofício deveriam considerar em seus campos de atuação e atenção. “O jovem”, opinou ele, “nos anos em que se forma e adquire uma personalidade, deve ser posto ao contato das necessidades modernas para que se eduque ao espírito do seu tempo e possa construir uma alma sensível e correspondente ao gosto dos seus contemporâneos”.

Rino Levi durante a construção do Edifício Columbus (1930-1934), na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, em São Paulo

Os tempos correram e a trajetória de Levi acabou se mostrando coerente com as palavras acima. Hoje, seu nome é indissociável do seu tempo: de volta à sua São Paulo natal, o arquiteto projetou obras que estruturaram a transformação da capital paulista numa metrópole, com uma crescente diversidade de demandas e serviços – não à toa sua produção engloba desde prédios residenciais até fábricas, hospitais e salas de cinema. Alguns desses projetos também são apresentados neste material, que integra as ações da 49ª edição do programa **Ocupação Itaú Cultural**, junto com uma exposição – em cartaz entre fevereiro e abril de 2020 na sede do instituto – e uma série de conteúdos on-line, disponíveis em itaucultural.org.br/ocupacao.

Focado na vida e na obra de figuras fundamentais da arte e da cultura brasileiras, o Ocupação já homenageou outros três grandes nomes da arquitetura no país: **João Batista Vilanova Artigas**, em 2015, **Paulo Mendes da Rocha**, em 2018, e **Gregori Warchavchik**, em 2019. Saiba mais sobre essas e as outras edições também no site do programa.

Itaú Cultural





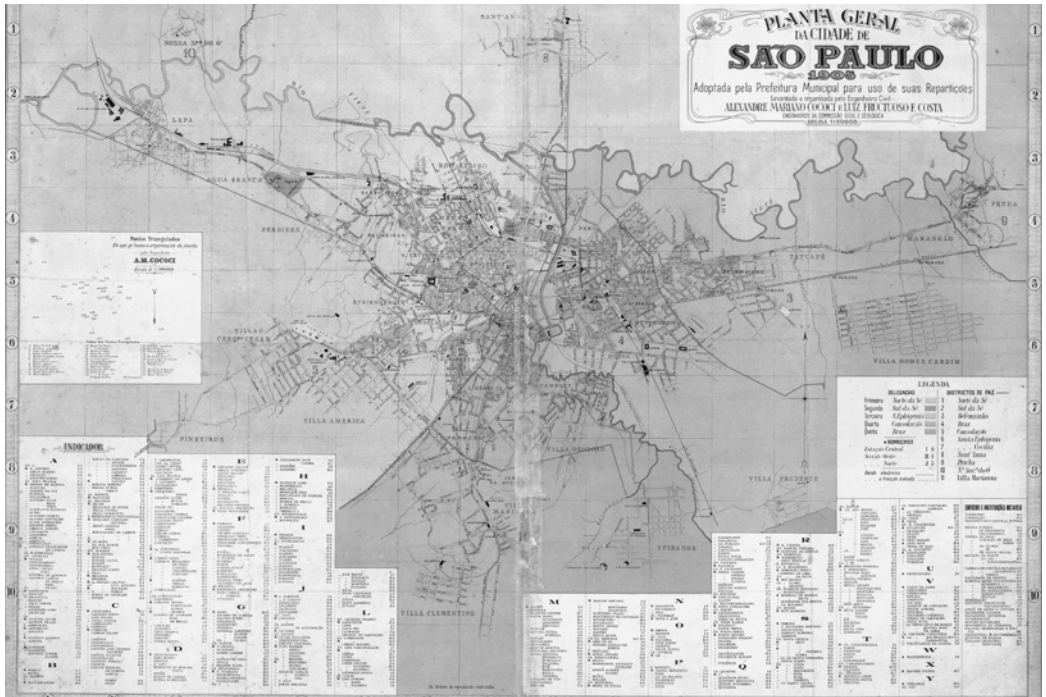
Rino Levi, um arquiteto integral

por *Hugo Segawa, Joana Mello,
Mônica Junqueira de Camargo e Tatiana Sakurai*

1. Planta geral da cidade de São Paulo em 1905

2. O centro da capital paulista em 1953

Em 1901, quando Rino Levi nasceu, São Paulo tinha cerca de 239 mil habitantes. Vinte e cinco anos depois, em 1926, quando ele retornou ao Brasil formado pela Escola Superior de Arquitetura de Roma, a cidade já tinha mais de 580 mil habitantes, alcançando nos anos 1960 – quando o arquiteto faleceu, durante uma das habituais expedições de reconhecimento da flora brasileira que realizava junto com o paisagista, colaborador e amigo Roberto Burle Marx – para além de 3 milhões de habitantes. Participaram desse crescimento populacional exponencial italianos, como os pais do arquiteto, mas também espanhóis, alemães, japoneses, árabes e imigrantes de outras nacionalidades, a quem se somaram brasileiros vindos de várias partes do país em busca de novas oportunidades de vida e de trabalho. Em um primeiro momento, muitos deles se vincularam à economia cafeeira, mas logo viram nas atividades a ela atreladas – como o mercado imobiliário, a indústria, o comércio e os serviços – outras possibilidades que fizeram de São Paulo uma metrópole moderna.



1.

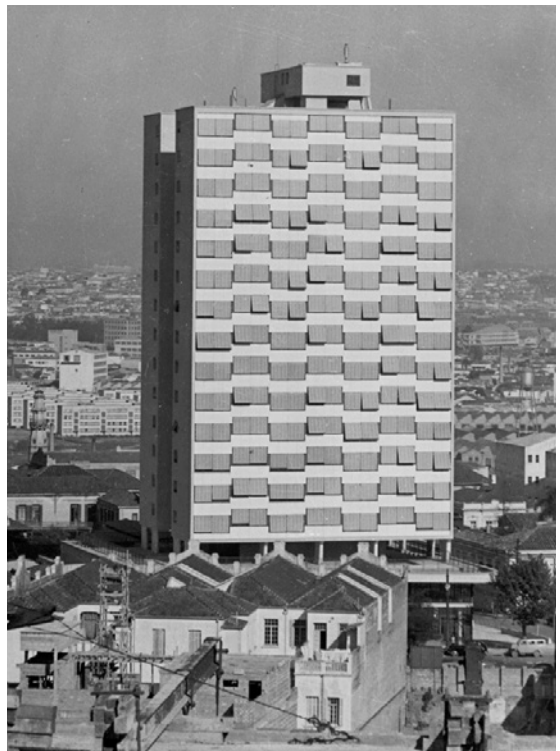


2.

Rino Levi é filho desse processo para o qual contribui como arquiteto, atuando em todas as frentes da metropolização paulistana: a verticalização das áreas centrais que concentram as atividades de serviço, comércio, lazer e cultura; a expansão horizontal da mancha urbana por meio de bairros residenciais de classes sociais distintas; a diversificação e a especialização das atividades econômicas e profissionais. Um dos primeiros arquitetos a fundar um escritório exclusivamente dedicado ao projeto, Levi constrói parcerias com profissionais de várias áreas por considerar, como Walter Gropius, que o arquiteto é um “coordenador, cuja missão é unificar os inúmeros problemas sociais, técnicos, econômicos e plásticos inerentes à construção”¹.



3.



4.

Entre as associações mais longevas estão as firmadas com Roberto Cerqueira Cesar e Luiz Roberto Carvalho Franco, sócios a partir de 1945 e 1955, respectivamente.

No início da carreira, entre as décadas de 1920 e 1930, a maior parte de suas encomendas foi de casas geminadas, como as projetadas para Luiz Manfro, ou de residências unifamiliares, nas quais prevalece uma organização mais formal e setorizada do morar, como a idealizada para Delfina Ferrabino.

1) Rino Levi,
O Sentido da
Síntese na
Arquitetura
Moderna –
conferência
realizada na FAU/
USP no dia 9 de
maio de 1962.

**3. Banco Paulista
do Comércio**
(1947)

**4. Sede da Cia.
Seguradora
Brasileira**
(1947-- 1948)

**5. Residência
Delfina Ferrabino**
(1931-1932)



5.

6e7. Foyer e plateia do Teatro Cultura Artística (1942-1943)

8. Hospital Antônio Cândido de Camargo (1947)

Em meados dos anos 1930 começa a aumentar o número de encomendas de edifícios residenciais, como o Prudência, em que o arquiteto desenha uma maior integração da área social, assim como uma flexibilidade na disposição dos ambientes, cujas divisões eram realizadas por meio de mobiliário. A mesma solução é adotada em sua residência particular e nas que posteriormente realizou – como a Residência Milton Guper –, nas quais propôs também a introversão dos ambientes sociais e íntimos para dentro do lote, voltando os serviços para a rua, e a revisão da tradicional separação entre interior e exterior em favor de uma continuidade que tornasse a casa mais aberta, alegre e humana, graças à convivência com a natureza.

É a partir da segunda metade dos anos 1930 que Levi realiza projetos de cinemas e teatros, como o Cine Ufa-Palácio e o Teatro Cultura Artística. Neles, enfrenta programas mais complexos que articulam usos diversos e exigem um conhecimento técnico específico, como o de acústica, mas também de fluxos, infraestrutura, conforto e higiene, como no caso de hospitais – por exemplo, o Hospital Antônio Cândido de Camargo, do Instituto Central do Câncer –, que fazem do arquiteto um especialista com alto grau de reconhecimento dentro e fora do campo profissional brasileiro e mesmo internacional.



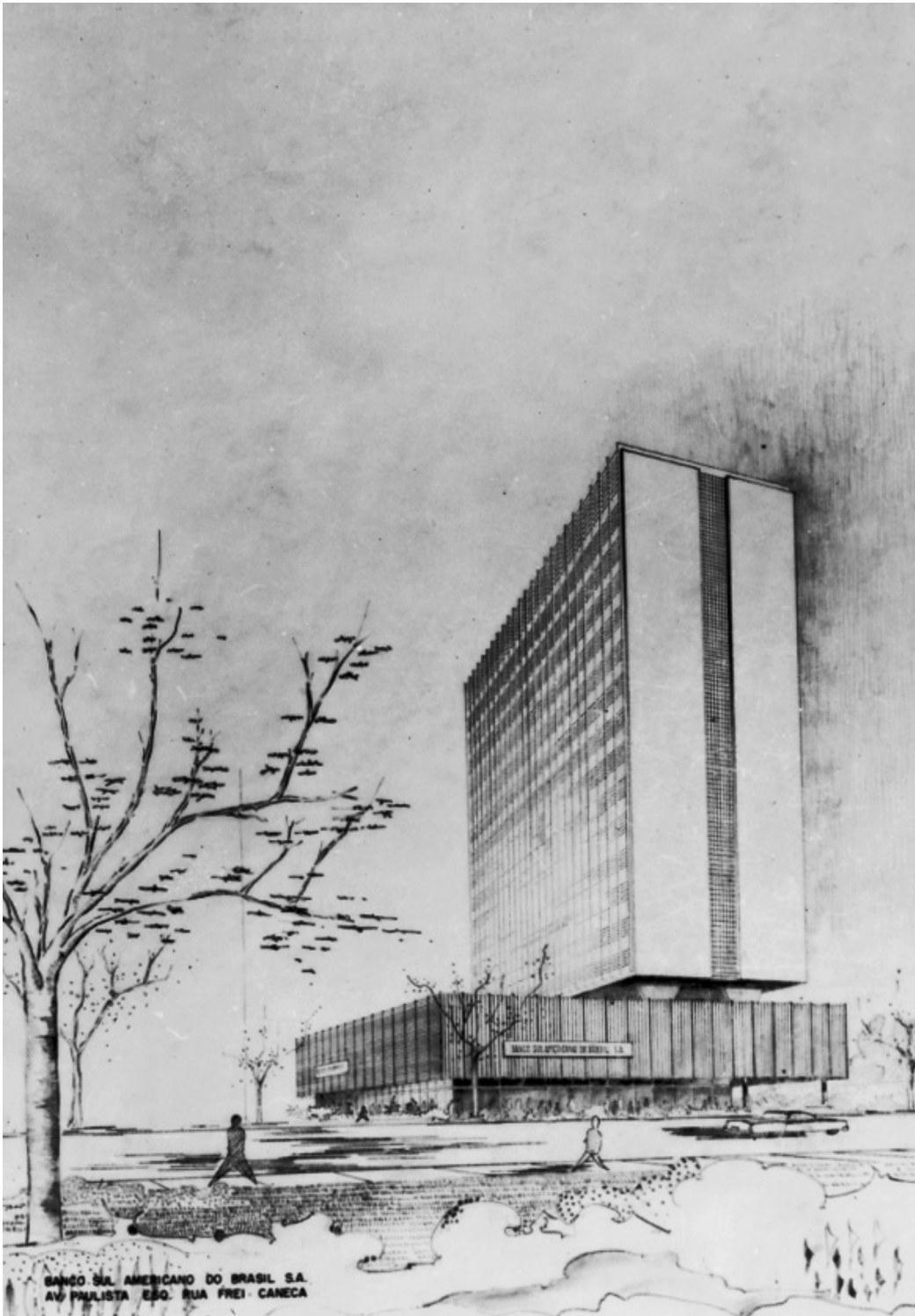
6.



7.



8.



9.

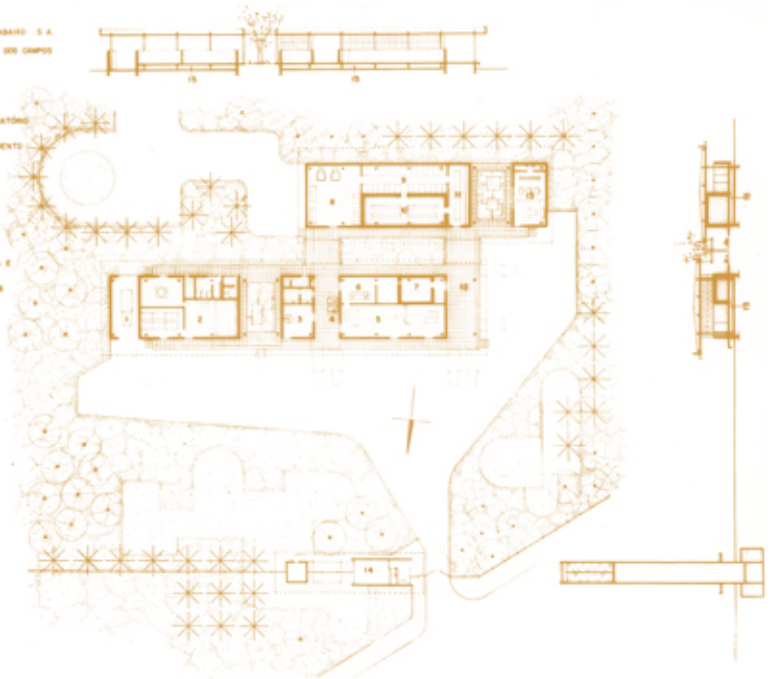
10.

FAZENDA SARTANA DO RIO ABaixo S.A.
USINA LEITE PARAÍBA - S. JOSÉ DOS CAMPOS

- 1 - LAVAGEM CAMINHÕES
- 2 - MÁQUINAS E BARRILHOS
- 3 - LAVAGEM LÂMINAS E LABORATÓRIO
- 4 - RECEPCÃO LEITE
- 5 - PASTEURIZ E ENGARRAFAMENTO
- 6 - FABRICAÇÃO MANTEIGA
- 7 - FRIGORÍFICO
- 8 - FABRICAÇÃO QUEIJO
- 9 - SAL G R A
- 10 - C U R A
- 11 - PARAFINADEB
- 12 - EXPEDIENTE
- 13 - ESCRITÓRIO
- 14 - PORTINA, CABINE ELÉTRICA E CAIXA D'ÁGUA
- 15 - CÂMARA PARA TURBAÇÕES



NOTA: 1 - LINDO
2 - CANTO
3 - CANTO
4 - CANTO
5 - CANTO



São desse período ainda os edifícios de escritórios, nos quais Levi explora os elementos de proteção solar, investe em volumetrias mais complexas em função dos usos e da geometria dos terrenos e adota a mesma estratégia de flexibilidade das plantas, como se nota no Banco Sul-Americano do Brasil. Nele, percebem-se a atenção recorrente ao paisagismo e ao esforço de promover o contato do público com a natureza e a intenção de integrar arquitetura, pintura e escultura, promovendo uma síntese cara aos arquitetos modernos. Mesmo em programas mais técnicos ou pragmáticos, como o industrial, ou de larga escala, esse propósito de integrar arquitetura, artes e natureza não se perde, conforme observado na Tecelagem Paraíba e no Centro Cívico de Santo André.

9. Perspectiva do Banco Sul-Americano do Brasil (1960-1963)

10. Planta da Usina de Leite Paraíba (1963)

2) Rino Levi, O Ensino da Arquitetura – conferência realizada na Universidade Mackenzie, a convite do Grêmio da Faculdade de Arquitetura, no dia 16 de outubro de 1956.

11. Balcões da sala de projeção do Cine Ipiranga (1941)

Além da diversidade de projetos realizados, impressiona a capacidade de Rino Levi de assumir uma postura muito objetiva diante de encomendas reais, enfrentando condições urbanas e materiais específicas, além de exigências técnicas e funcionais, mas também de idealizar novas formas de organização da cidade e de suas atividades – como se vê na proposta do Edifício Garagem ou no Plano Piloto de Brasília –, e de, em qualquer um dos casos, atentar para a escala cotidiana, produzindo espaços e artefatos que deem suporte ao conjunto de ações humanas.

Dessa forma, atuando em um ambiente marcado pelo cosmopolitismo em um momento de revisão do academicismo arquitetônico vigente, Rino Levi participou ativamente da modernização da cidade no período de sua brutal expansão e metropolização, introduzindo novos padrões espaciais, técnicos e estéticos. Com grande preocupação pelos problemas urbanos, sem adesão a uma doutrina específica e à pretensão de revolucionar os cânones teóricos, sua arquitetura é fruto da busca de soluções simples e de uma linguagem marcada pela abstração e pela ausência de decoração.

Pensando-se como um “arquiteto integral”, Rino Levi defendeu à frente de seu escritório, e também como professor e presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, que a sua atividade profissional se estendia “desde o desenho dos objetos de utilidade imediata, ao desenho da construção, à cenografia, aos problemas de circulação, ao paisagismo e aos conjuntos comunitários, urbanos, rurais e regionais, compreendendo toda a complexidade de conhecimentos e de aspectos próprios de cada um desses setores”². Os projetos expostos na *Ocupação Rino Levi* e reunidos nesta publicação, em infográficos, testemunham o quanto o arquiteto investigou essas várias áreas de atuação e o quanto ele ainda tem a nos ensinar.







RESIDÊNCIA

Castor Delgado Perez

Avenida 9 de Julho, 5170
São Paulo, SP – 1958/1959



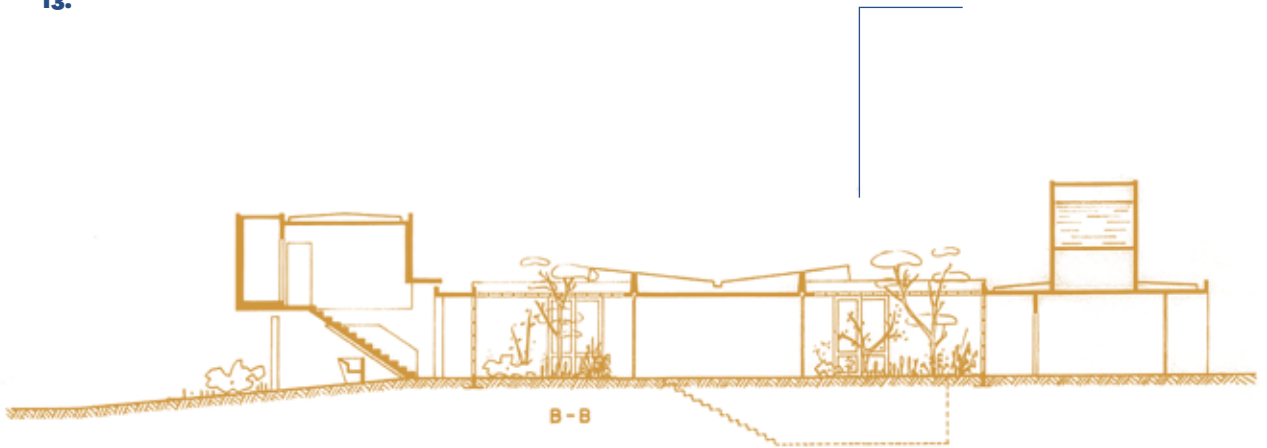
12.

A casa radicaliza e, ao mesmo tempo, relativiza a separação entre o dentro e o fora: toda fechada para a rua, protege o ambiente privado do espaço público, mas também reproduz o exterior na área interna, íntima, segura do imóvel. Nesse sentido, o projeto faz oposição a outra residência criada por Levi, a Olivo Gomes (*saiba mais nas páginas 32 a 37*), essencialmente voltada para fora.



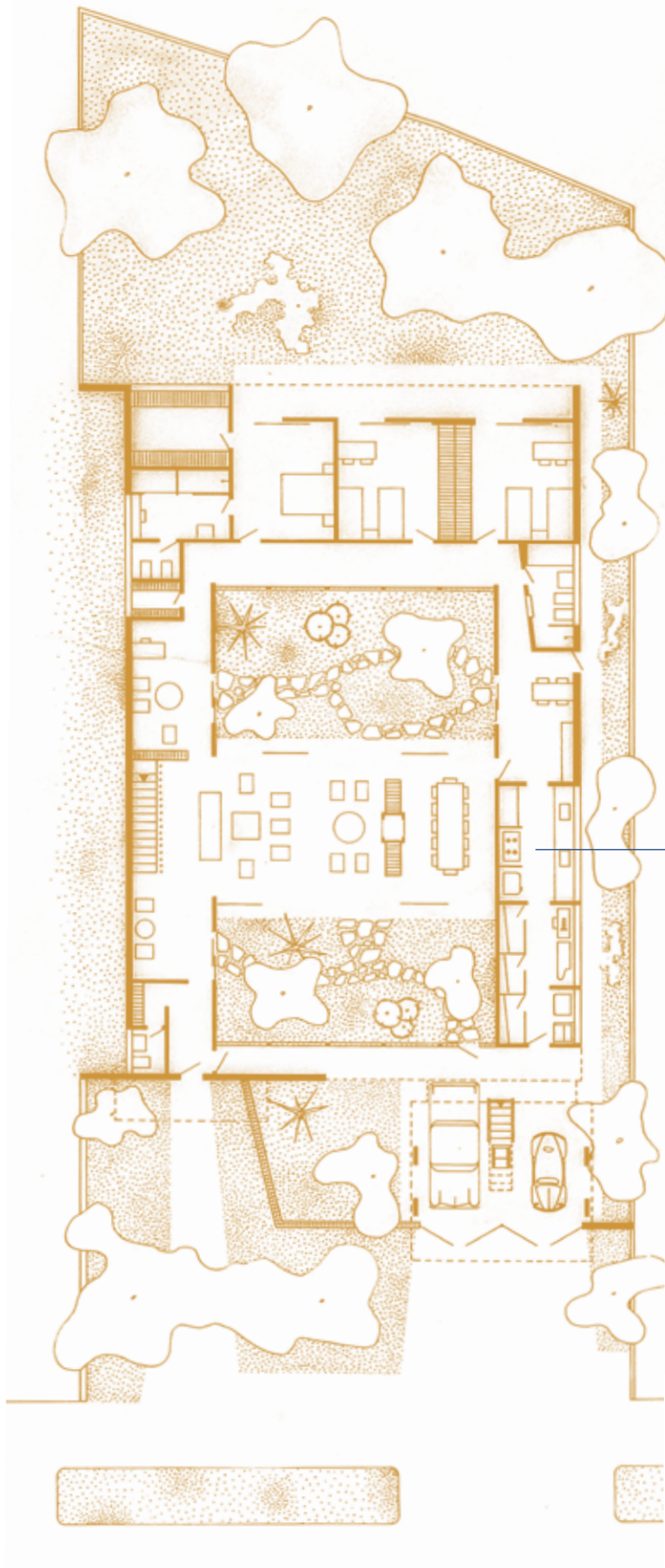
13.

Um **jardim** reproduz o exterior, ou uma situação de natureza, no espaço interno da casa – o que remete à arquitetura japonesa dos anos 1980. Trata-se de um bom exemplo da pouco conhecida atuação de Levi como paisagista – em muitos de seus projetos, essa função era confiada ao artista Roberto Burle Marx. Entre as plantas selecionadas pelo arquiteto, todas nativas do Brasil, está o capim-barba-de-bode, espécie da qual ele foi pioneiro no uso.



14.

O móvel não é móvel. O **armário**, junto com a **lareira**, forma um elemento que divide a área de jantar.



15.

A cozinha distancia-se da ideia de um local de reunião: é uma **cozinha do dia a dia**, funcional. Levi é precursor desse modelo, bastante popular em apartamentos mais modernos.





RESIDÊNCIA

Olivo Gomes

Avenida Olivo Gomes

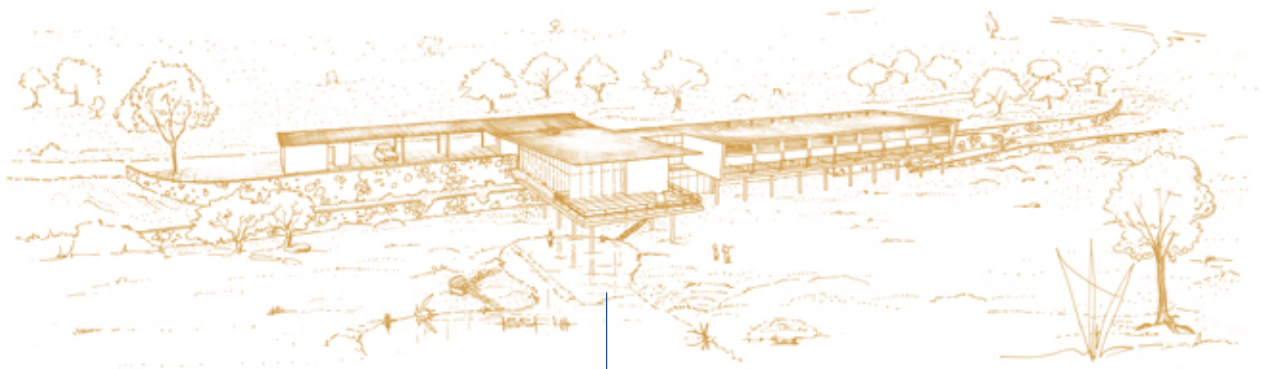
São José dos Campos, SP – 1949/1951



16.

Se há um sentido mais favorecido por este projeto, é provavelmente o da visão. Janelas cujas folhas se recolhem completamente, uma ampla sacada e outros aspectos incentivam a fruição da natureza ao redor – seja o jardim elaborado por Roberto Burle Marx, seja a paisagem mais além.

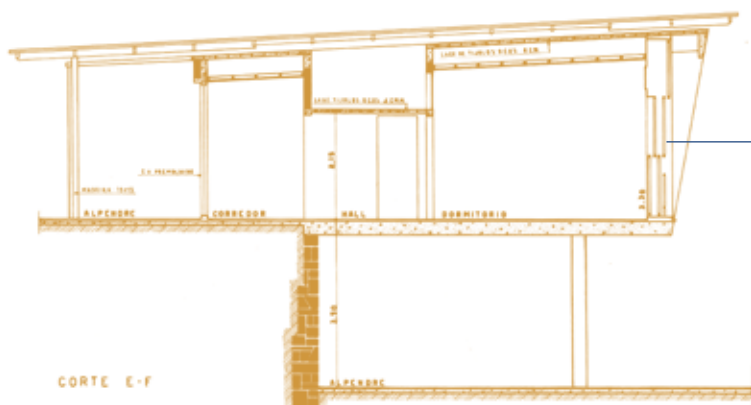
Neste trabalho, Levi ainda enfatizou a chamada “síntese das artes”: traço característico da arquitetura do período, sobretudo no início dos anos 1950, trata-se da presença de obras artísticas integradas ao conjunto. No caso, a residência conta com uma série de painéis, também criados por Burle Marx.



O **espelho d'água**, parte do projeto paisagístico de Burle Marx, é um dos elementos que privilegiam ainda mais a vista para o Vale da Paraíba.

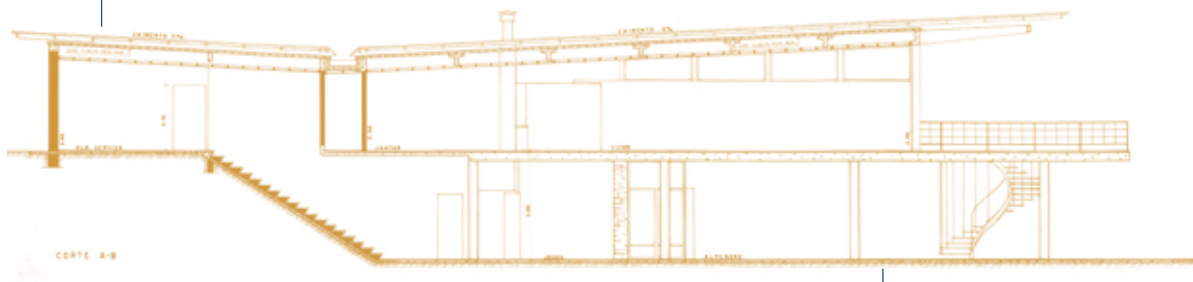


17.

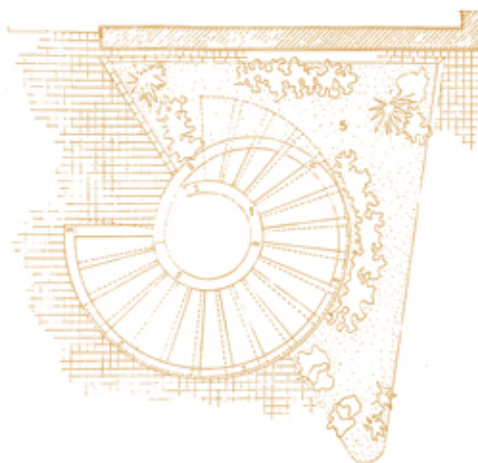


Nos dormitórios, a **janela** conta com um sistema que possibilita o recolhimento completo das folhas de vidro e venezianas. A abertura para o exterior, assim, se expande do piso ao teto do aposento.

A **telha de fibrocimento** é aparente. Esse material ainda não era usado naquela época – e depois caiu em desuso por problemas relacionados à amplitude térmica durante o dia.



A estrutura aparente reforça a distância entre o chão e a construção.



Os níveis superior e inferior da obra são ligados por uma **escada helicoidal** – da qual também se pode ver a natureza ao redor.







CINE

Ufa-Palácio

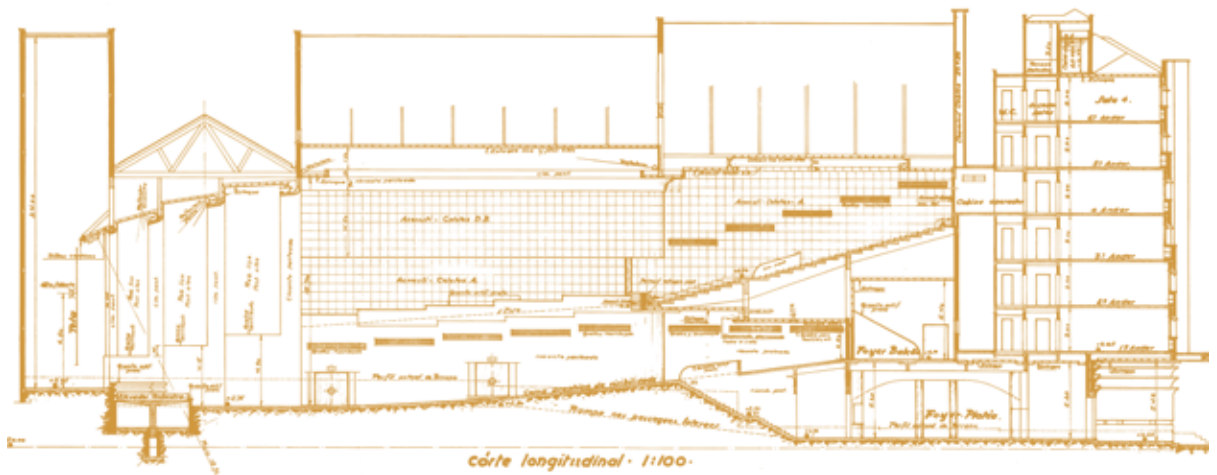
Avenida São João, 419
São Paulo, SP – 1936



19.

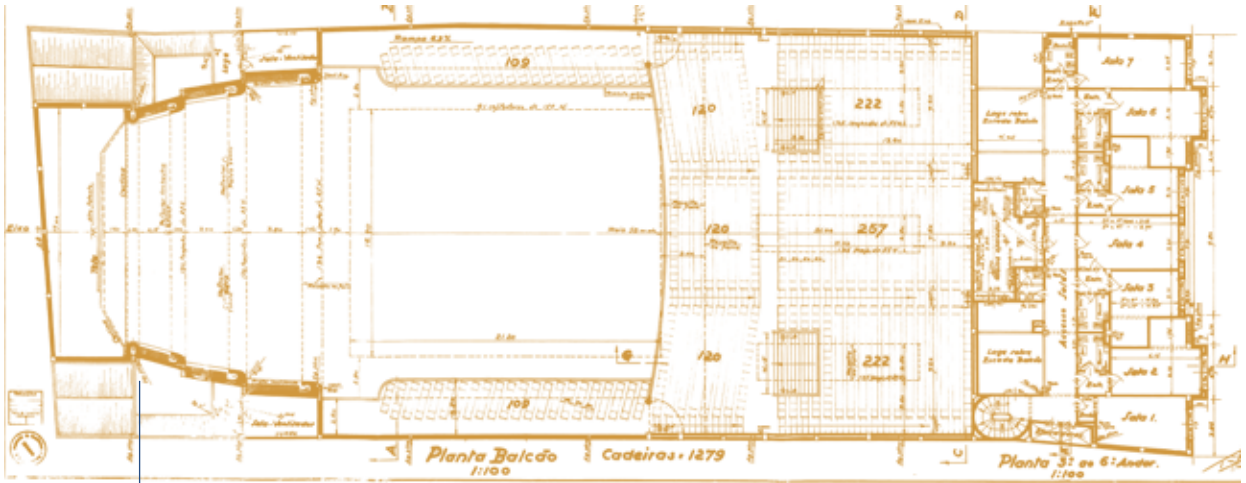
O advento do cinema sonoro, no final da década de 1920, abriu caminho para uma série de transformações não só nos filmes, mas também nas salas de projeção. No contexto brasileiro, Levi foi pioneiro na aplicação de modernos cálculos de acústica nesses espaços – e o Cine Ufa-Palácio foi o primeiro dos cinemas projetados por ele.

Encomendada pela produtora alemã Universum Film AG (Ufa), a construção tinha capacidade para reunir mais de 3 mil espectadores e ocupava um prédio de uso misto – nos andares acima da sala de projeção funcionava um hotel –, tipo de obra cada vez mais frequente na São Paulo da época.

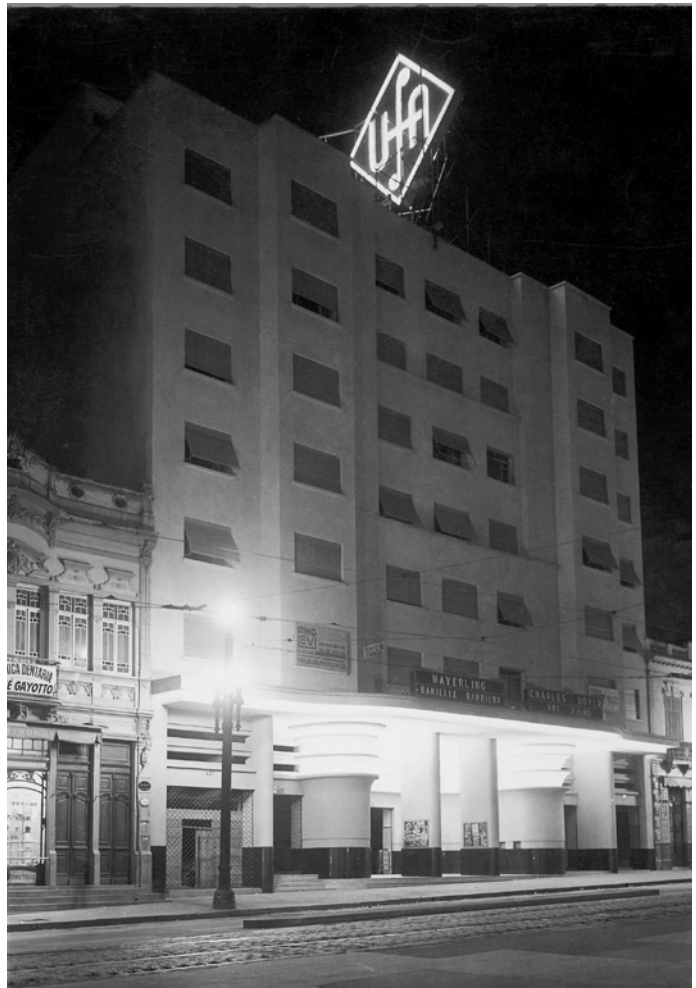


Uma arquitetura para ser vista à noite: foco da atenção de Levi em muitos outros projetos, a **luz** não deixa de ser um destaque nesta obra. Os esquemas de iluminação indireta chamam atenção logo na fachada do cinema, quase antecipando o espaço em que se vai entrar.

No interior da sala, por sua vez, as luzes contribuem para destacar a tela em que o filme é projetado, e não eventuais aspectos da arquitetura em si.



A forma parabolóide das **paredes**, do piso e do forro próximos ao proscênio foi definida para permitir melhor distribuição das ondas sonoras.



A iluminação da fachada também ajuda a destacar o cinema do hotel que ocupa os andares superiores.





EDIFÍCIO

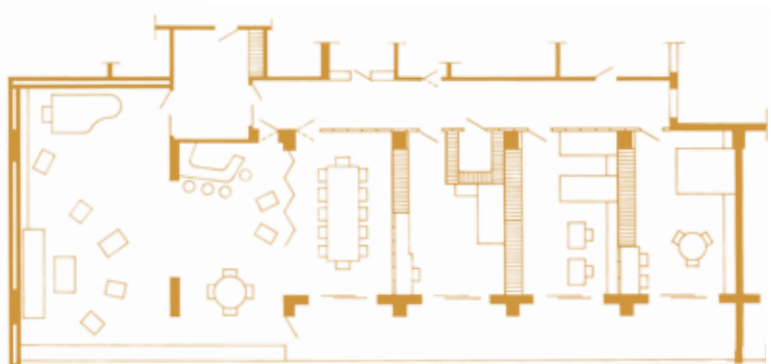
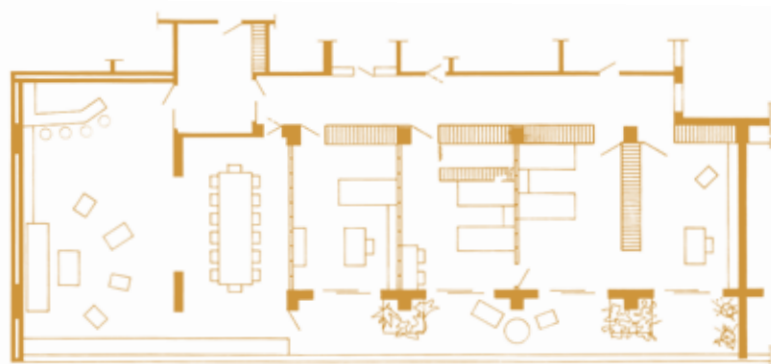
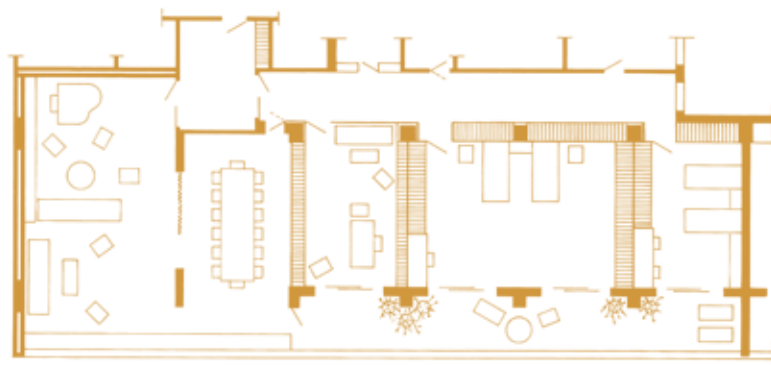
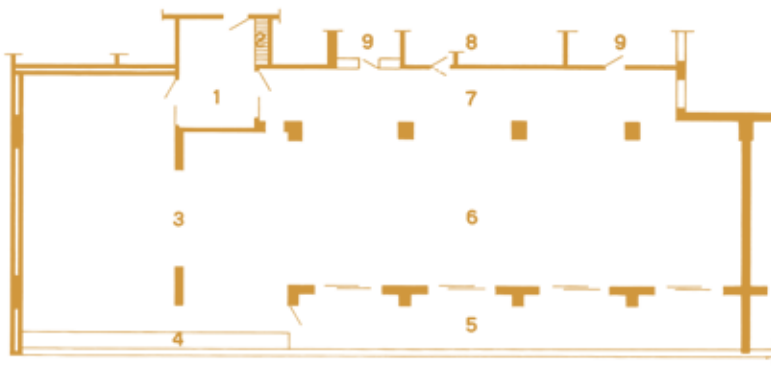
Prudência

Avenida Higienópolis, 265
São Paulo, SP – 1944/1948

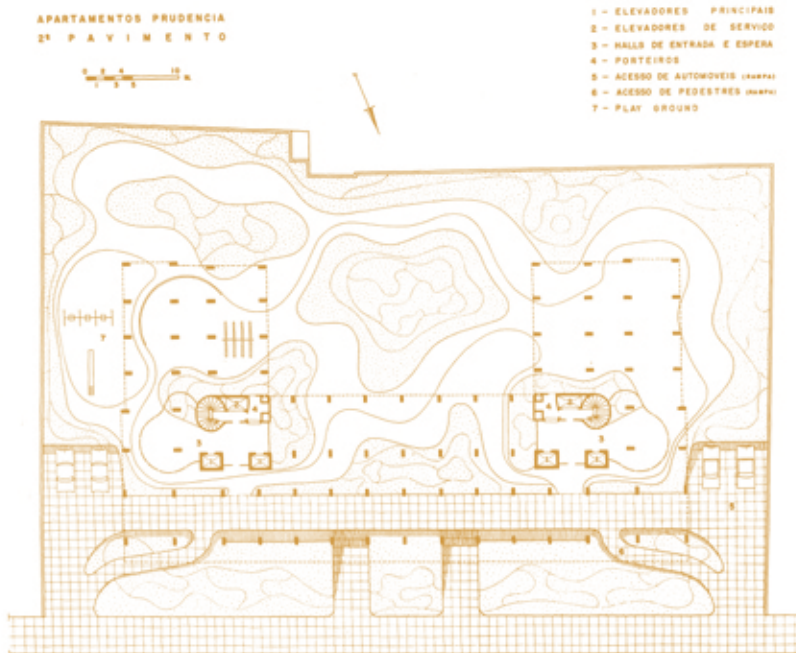


22.

Não são só diferentes pessoas que convivem num edifício residencial. No caso do Prudência, um bloco de linhas e ângulos retos – o prédio em si – convive com um amplo jardim projetado por Roberto Burle Marx, com formas sinuosas que ocupam todo o nível térreo do conjunto. E os apartamentos também não seguem necessariamente a mesma lógica de organização dos cômodos: abrindo mão de paredes estruturais, Levi permitiu que cada unidade fosse moldada por quem a ocupa, usando móveis ou divisórias leves para criar e separar aposentos.



Com cerca de 350 metros quadrados, cada unidade do prédio poderia ter a configuração que seu proprietário desejasse. Tida como ousada na época, essa proposta, no entanto, só foi acatada por um dos moradores – os demais preferiram subdividir seus respectivos apartamentos com paredes de alvenaria, e não com divisórias móveis.



Todo o edifício é sustentado por colunas, ou pilotis, deixando o térreo completamente ocupado pelo jardim elaborado por Burle Marx. Reto, rígido, o bloco de concreto parece pairar sobre as formas mais orgânicas do jardim, composto apenas de espécies de plantas nativas do Brasil. O acesso ao prédio se dá por meio de rampas.

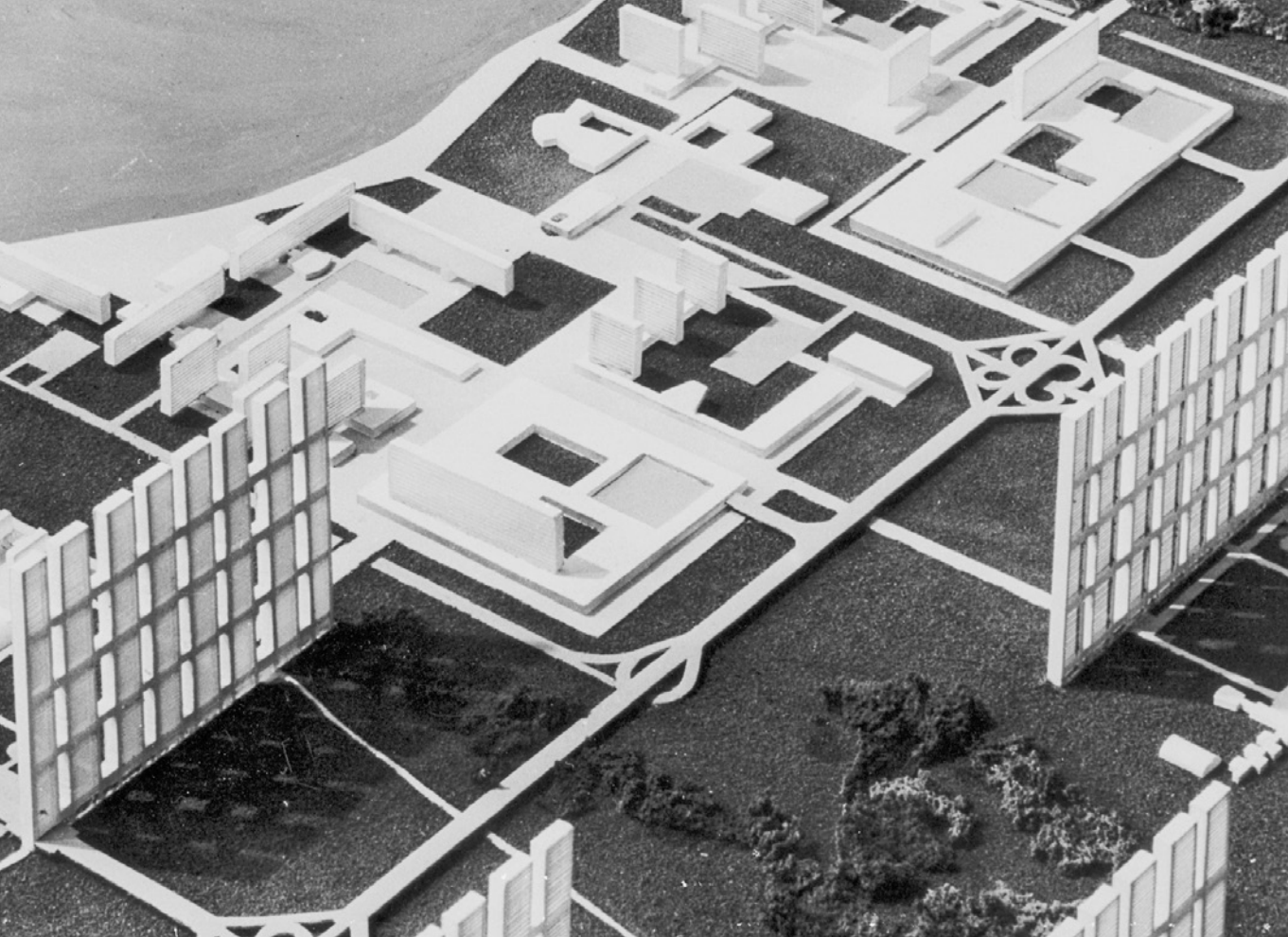






PLANO PILOTO DE
Brasília

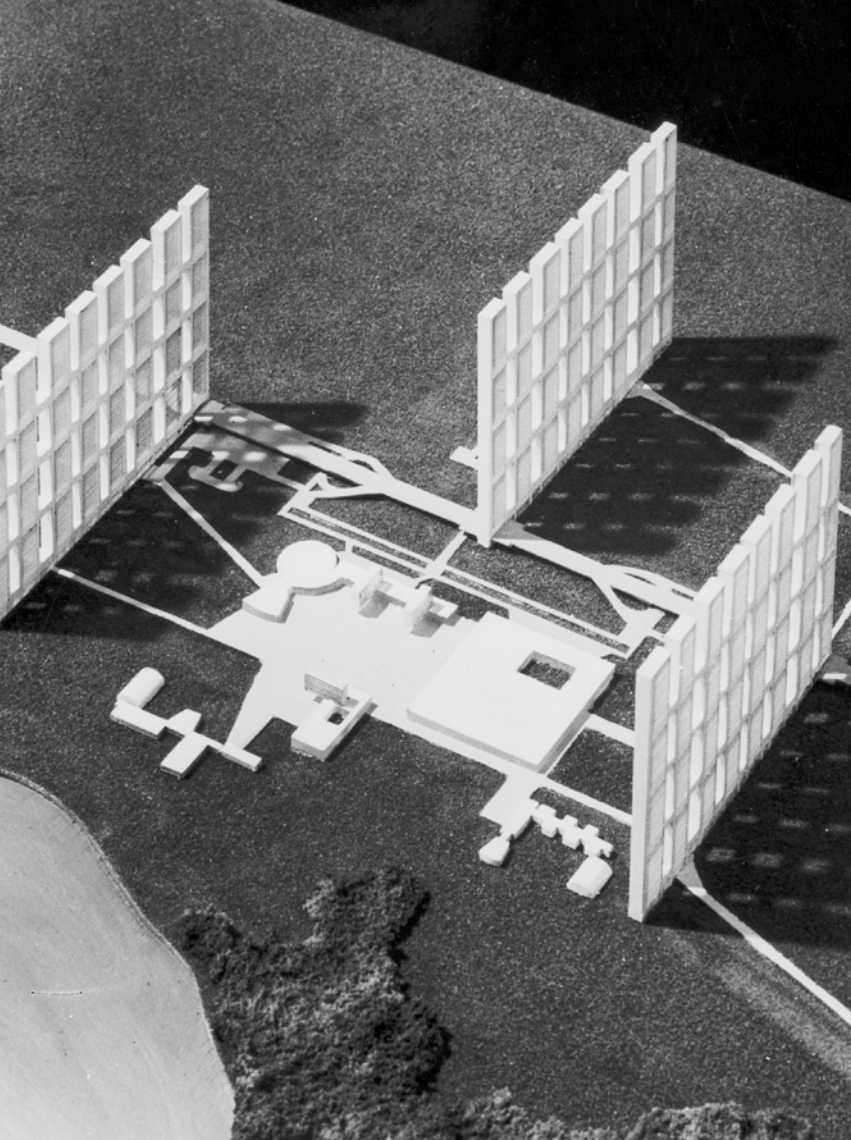
Brasília, DF
1957 – não construído



24.

Rino Levi participou do concurso promovido nos anos 1950 para selecionar o projeto-base da nova capital do Brasil. Seu trabalho ficou em terceiro lugar e previa uma cidade formada por núcleos autônomos, cada um deles com habitações e serviços distribuídos em três megaprédios de 80 andares e nos espaços entre eles.

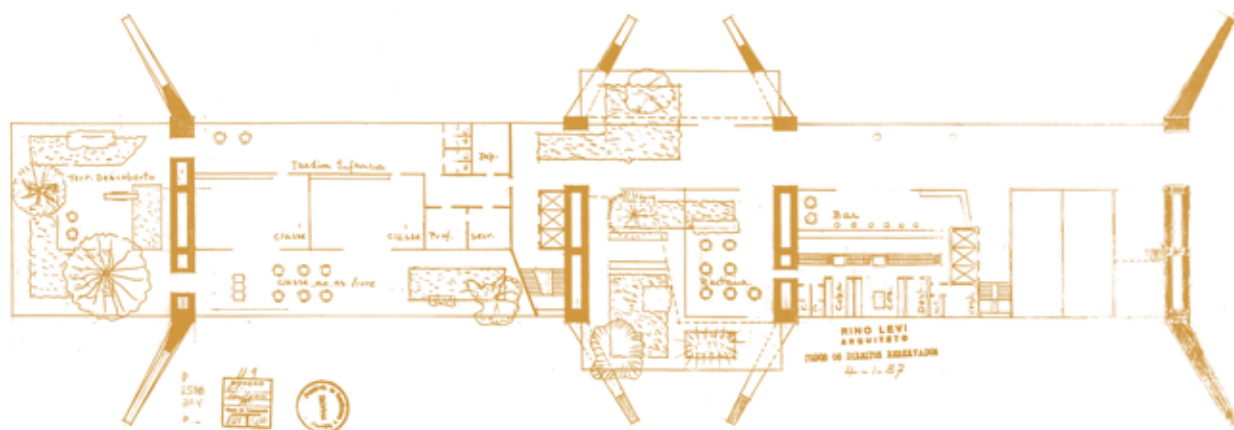
Diferentemente da proposta vencedora, de Lucio Costa, que deu à cidade o seu formato de cruz – ou avião ou borboleta –, a de Levi podia ser entendida como um agrupamento de pequenas cidades que, juntas, não formavam um desenho específico, permitindo eventuais replicações dos núcleos sem comprometer o todo.



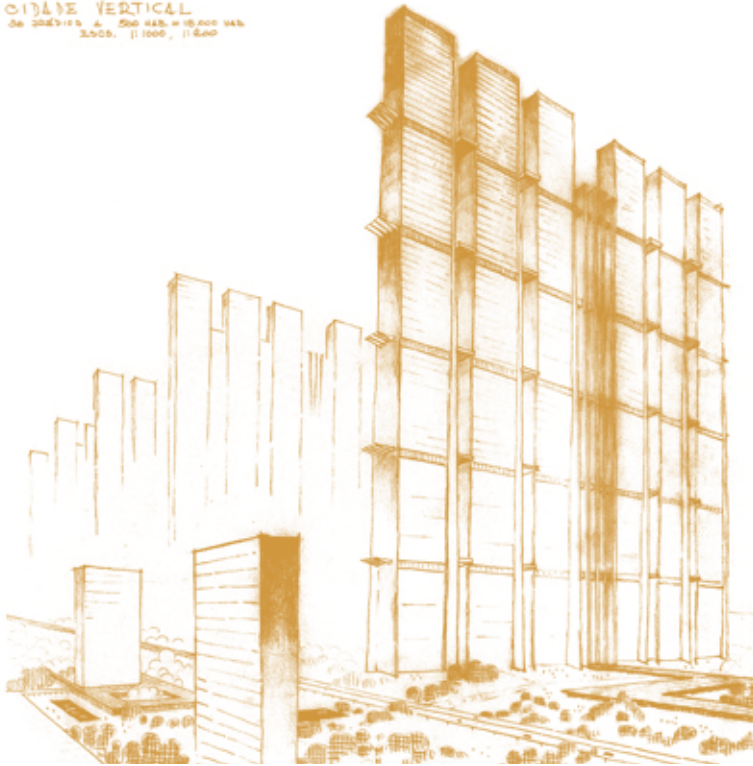
Cada um dos três megaprédios que comporiam os núcleos da cidade teria oito edifícios de 80 andares e capacidade para abrigar cerca de 16 mil habitantes – ou seja, 48 mil por núcleo.

Funcionando quase como pequenas cidades independentes, os núcleos contariam com seus próprios serviços – de lojas e escolas a equipamentos culturais e centros de saúde –, localizados tanto em ruas elevadas dentro dos megaprédios quanto em áreas entre estes.

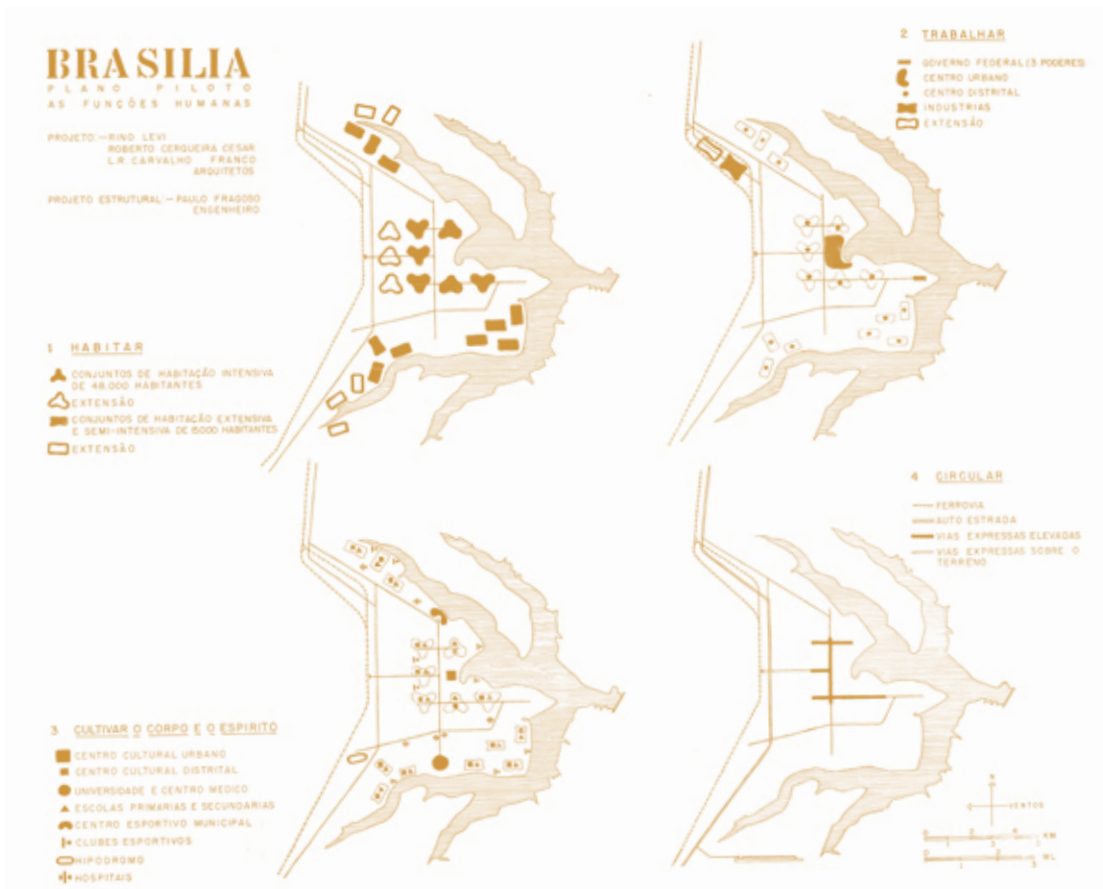
25.

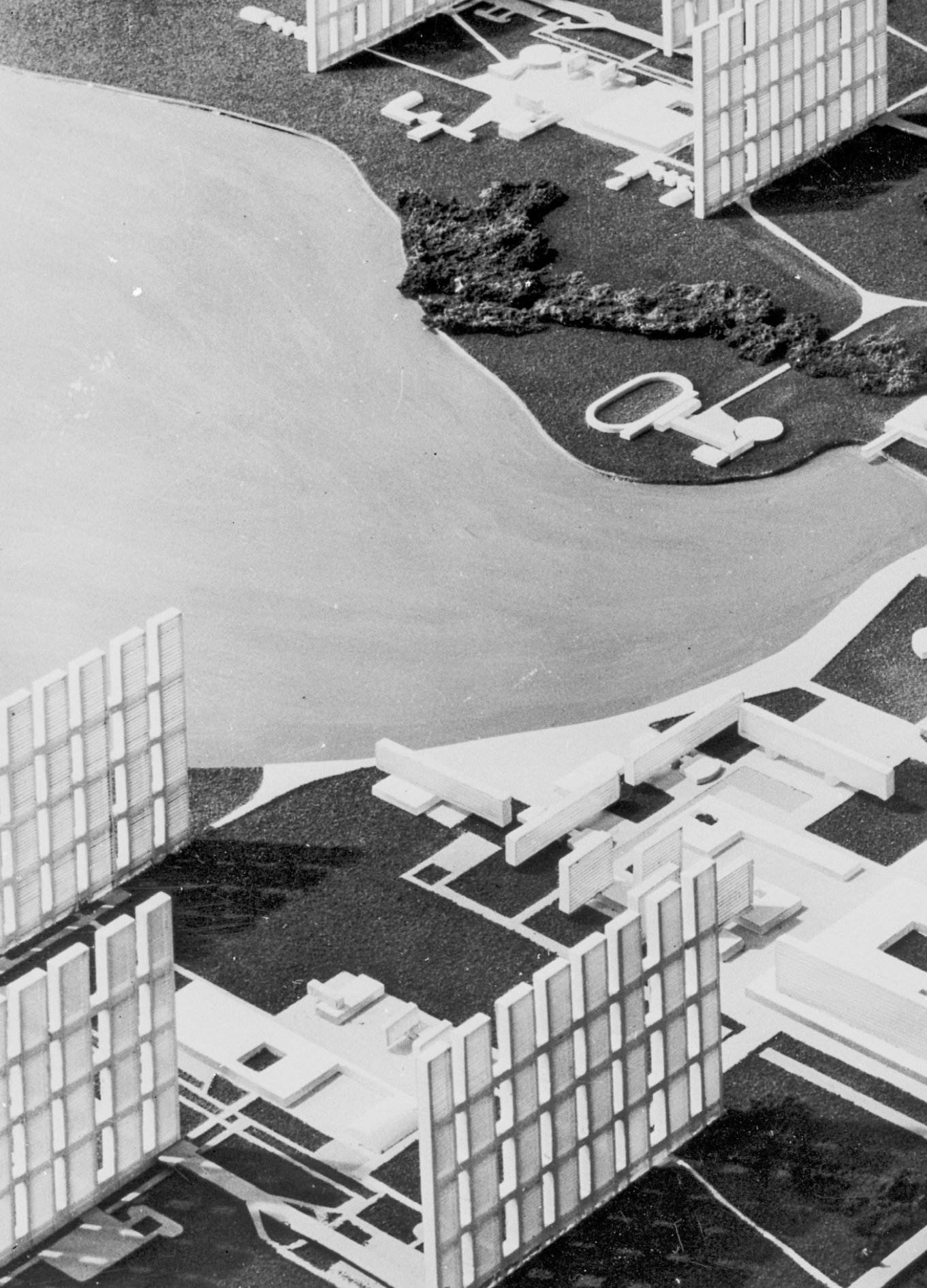


CIDADE VERTICAL
 De 2000 a 10.000 hab. a 500 hab. a 10.000 hab.
 3,500. | 1.000. | 1.600



Uma rede de vias expressas elevadas conectaria todo o conjunto, liberando o solo para a implantação de parques e outros espaços de lazer e esporte.







A architectura e a esthetica das cidades

Uma carta de um estudante brasileiro em Roma

por *Rino Levi*

Transcrição de artigo de Rino Levi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 15 de outubro de 1925. A grafia do texto original foi mantida.

De Roma, onde está cursando a Escola Superior de Architectura, escreve-nos o sr. Rino Levi, nosso compatriota, a seguinte carta:

“É digno de nota o movimento que se manifesta hoje nas artes e principalmente na architectura. Tudo faz crer que uma éra nova está para surgir, se já não está encaminhada.

A architectura, como arte mãe, é a que mais se resente dos influxos modernos devido aos novos materiaes á disposição do artista, aos grandes progressos conseguidos nestes ultimos annos na technica da construcção e sobre tudo ao novo espirito que reina em contraposição ao neo-classicismo, frio e insipido. Portanto praticidade e economia, architectura de volumes, linhas simples, poucos elementos decorativos, mas sinceros e bem em destaque, nada de mascarar a estrutura do edificio para conseguir effeitos que no mais das vezes são desproporcionados ao fim, a que constituem sempre uma coisa falsa e artificial.

Sente-se ainda a influencia do classicismo que, aliás, hoje se estuda melhor procurando sentir e interpretar o seu espirito evitando-se a imitação, já bastante desfrutada, dos seus elementos.

As velhas formas e os velhos systemas já fizeram sua época. É mister que o artista crie alguma coisa de novo e que consiga maior fusão entre o que é estructura e o que é decoração; para conseguir isto o artista deve ser tambem tecnico: uma somente inventiva e não mais o trabalho combinado do artista que projecta e do tecnico que executa.

Não ha arte onde não ha o artista, mas o joven, nos annos em que se forma e adquire uma personalidade, deve ser posto ao contacto das necessidades modernas para que se eduque ao espirito do seu tempo e possa constituir uma alma sensível e correspondente ao gosto dos seus contemporaneos.

Toda obra de arte deve ser ambientada, isto é, deve ser vista sob uma determinada luz, sob uma determinada visual e deve estar em harmonia com os objectos que a contornam. Um monumento concebido para uma pequena praça e com uma orientação prefixada perde muito do seu effeito se não é collocado no ponto no qual o via o artista com seu pensamento quando o projectava. Fixada esta idéa é evidente que as construcções, que com mau systema, hoje se projectam sem preocupação alguma da sua orientação e da sua adaptação ao logar, constituem uma offensa á esthetica das cidades.

A esthetica das cidades é um novo estudo necessario ao architecto e a este estudo está estrictamente connexo o estudo da viação e todos os demais problemas urbanos.

Uma rua que nasce deve ser estudada no plano regulador da cidade e deve ser planejada de modo que corresponda a todas as necessidades technicas e estheticas sem, ao mesmo tempo, prejudicar as bellezas que eventualmente existam nas suas vizinhanças.



Por exemplo, se é possível dar a uma rua, como fundo, um monumento, uma cupola ou simplesmente um jardim, porque não fazel-o se a esthetica da rua ganharia com esta visual e se o monumento, a cupola ou o jardim terão a ganhar no seu effeito?

As ruas parallelas e perpendiculares, como são projectadas quasi sempre hoje nas cidades novas, na maior parte das vezes resultam monotonas e nem sempre correspondem ás necessidades praticas. Sobre este assumpto não se póde estabelecer uma theoria; discute-se muito principalmente na França e na Allemanha más até hoje a idéa predominante é que é preciso examinar e resolver caso por caso.

Na Allemanha a estes estudos foi dado o nome de politica da cidade; na França alguns dos mais valentes architectos dedicam-se completamente a este novo ramo da arte da cidade; na nova Escola Superior de Architectura de Roma, há uma cathedra de "Edilizia" regida pelo distincto architecto Marcello Piacentini, uma das authoridades mais competentes da Italia sobre essa assumpto.

É um problema este que interessa muito o Brasil onde as cidades estão em pleno desenvolvimento e portanto merece a maxima consideração.

É preciso estudar o que se fez e o que se está fazendo no exterior e resolver os nossos casos sobre esthetica da cidade com alma brasileira. Pelo nosso clima, pela nossa natureza e nossos costumes as nossas cidades devem ter um character diferente das da Europa.

Creio que a nossa florescente vegetação e todas as nossas inigualaveis bellezas naturaes podem e devem suggerir aos nossos artistas alguma coisa de original dando ás nossas cidades uma graça de vivacidade e de côres, unica no mundo."

Coleções para pesquisa e extensão: o acervo de arquitetura, urbanismo e design da FAU/USP

por *Ana Lúcia Duarte Lanna* (diretora da FAU/USP)
e *Gisele Ferreira de Brito* (bibliotecária-chefe da Seção
Técnica de Materiais Iconográficos do Serviço Técnico
de Biblioteca da FAU/USP)

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) é hoje detentora do maior acervo de arquitetura, urbanismo e design do Brasil. Os primeiros conjuntos documentais foram constituídos nos anos 1960, pela ação dos estudantes ao registrarem, em diapositivos e fotografias, a arquitetura que estudavam. A primeira doação de projetos foi do arquiteto Carlos Millan (1927-1964). A partir dessas iniciativas pontuais, o wintenções que envolveram a consolidação da pós-graduação e da pesquisa em arquitetura e urbanismo; revisões historiográficas acuradas; e a incorporação, em anos recentes, da produção relacionada ao design.

Em constante expansão, as coleções que compõem o acervo percorrem um arco temporal do século XIX ao XXI, e o projeto mais antigo é o então novo matadouro para a cidade de São Paulo, do escritório Ramos de Azevedo, de 1872; já o mais recente é uma

residência em São Bento do Sapucaí, de Eduardo de Almeida, de 2012. Nas mais de 40 coleções estão reunidos mapas, fotografias, negativos, negativos em vidro, diapositivos, gravuras, cartazes e desenhos originais de projetos de arquitetura. Entre eles estão o Mercado e o Teatro Municipal (Ramos de Azevedo); croquis do Museu de Arte de São Paulo (Masp) (Lina Bo Bardi); Edifício Copan (Oscar Niemeyer); Aeroporto de Congonhas (Hernani do Val Penteadado); Casa Modernista (Gregori Warchavchik); Conjunto Nacional (David Libeskind); Igreja Nossa Senhora do Brasil (Bruno Simões Magro); sede do jornal *O Estado de S. Paulo* (Jacques Pilon e Franz Heep); Teatro Cultura Artística (Rino Levi); Vila Serra do Navio (Oswaldo Bratke); Clube Paineiras (Carlos Millan); Vila Penteadado (Carlos Ekman); FAU/USP e Edifício Louveira (João Batista Vilanova Artigas); além da produção gráfica do Cauduro Martino Arquitetos Associados, entre outros projetos de arquitetos, urbanistas e designers renomados, muitos deles alunos e professores da instituição.

Ao todo, são cerca de 400 mil folhas de desenhos e 100 mil registros fotográficos, além de registros sonoros, objetos e uma vasta documentação complementar com registros de obra, do escritório, correspondências, contratos de fornecedores e atuação docente, que compõem um campo de investigação privilegiado.

Consultado por pesquisadores nacionais e internacionais para o desenvolvimento de atividades didáticas, pesquisas, exposições, publicações e também projetos de reforma e restauro, o acervo cede, por ano, cerca de 30 mil imagens para a realização dessas diversas atividades. Os resultados – expressos em teses e dissertações, livros e artigos científicos e exposições em diversas instituições culturais – consolidam a perspectiva interdisciplinar da instituição e fortalecem a arquitetura, o urbanismo e o design como áreas do conhecimento autônomas que contribuem para o desenvolvimento da sociedade. A expansão permanente desse acervo e sua já consolidada importância, assim como os novos instrumentos de pesquisa e esforços de extensão universitária (acervos.fau.usp.br), são um convite para que cada vez mais estudiosos utilizem esse material excepcional e para que o público conheça a história de sua cidade e reflita sobre seu presente.





Créditos das imagens

Desenhos técnicos

Coleção Rino Levi, Seção Técnica de Materiais Iconográficos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP)

Página 1 Cine Ipiranga Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas | livro *Rino Levi – Arquitetura e Cidade*, de Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon

Página 2 Rino Levi, na década de 1940 Foto: Gregori Warchavchik | Coleção Gregori Warchavchik

Páginas 4 e 5 Edifício Columbus Acervo da biblioteca da FAU/USP

Página 7 Residência Rino Levi Acervo da biblioteca da FAU/USP

Página 10 Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas | livro *Rino Levi – Arquitetura e Cidade*, de Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon

Páginas 12 e 13 Edifício do Banco Sul-Americano do Brasil Foto: Nelson Kon

Rino Levi, um arquiteto integral

1 http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php

2 Coleção Werner Haberkorn, Museu Paulista da USP
(domínio público)

3 e 4 Coleção Rino Levi, Seção Técnica de Materiais Iconográficos da Biblioteca da FAU/USP

5 Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas | livro *Rino Levi – Arquitetura e Cidade*, de Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon

6 a 11 Coleção Rino Levi, Seção Técnica de Materiais Iconográficos da Biblioteca da FAU/USP

Páginas 24 e 25 Jardim da Residência Rino Levi Acervo da família

**Residência
Castor Delgado
Perez**

12 e 15 Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas | livro *Rino Levi – Arquitetura e Cidade*, de Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon

13 e 14 Acervo da biblioteca da FAU/USP

Páginas 30 e 31 Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas | livro *Rino Levi – Arquitetura e Cidade*, de Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon

**Residência
Olivo Gomes**

16 Foto: Nelson Kon

17 e 18 Fotos: José Moscardi. Acervo da biblioteca da FAU/USP

Páginas 36 e 37 Foto: Nelson Kon

Cine Ufa-Palácio

19 a 21 Acervo da biblioteca da FAU/USP

Páginas 42 e 43 Acervo da biblioteca da FAU/USP

Edifício Prudência

22 Foto: Nelson Kon

23 Foto: P.C. Scheier. Acervo da biblioteca da FAU/USP

Páginas 48 e 49 Foto: P.C. Scheier. Acervo da biblioteca da FAU/USP

**Plano Piloto
de Brasília**

24 e 25 Acervo da biblioteca da FAU/USP

Páginas 54 e 55 Acervo da biblioteca da FAU/USP

**A arquitetura
e a estética
das cidades**

26 Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas | livro *Rino Levi – Arquitetura e Cidade*, de Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon

Páginas 62 e 63 Centro Cívico de Santo André Foto: Nelson Kon

Página 69 Cine Ipiranga Acervo Digital Rino Levi, FAU PUC-Campinas | livro *Rino Levi – Arquitetura e Cidade*, de Renato Anelli, Abilio Guerra e Nelson Kon

Páginas 70 a 72 Acervo da família

Ocupação Rino Levi

Concepção e realização **Itaú Cultural**

Curadoria **Itaú Cultural** e **FAU/USP**

Cocuradoria **Hugo Segawa, Joana Mello, Mônica Junqueira,
Renato Anelli e Tatiana Sakurai**

Projeto expográfico **Stella Tedesco Arquitetura**

Equipe Itaú

Presidente **Milú Villela**

Diretor-superintendente **Eduardo Saron**

Superintendente administrativo **Sérgio M. Miyazaki**

Núcleo de Enciclopédia

Gerência **Tânia Rodrigues**

Coordenação **Glauco Tudda**

Pesquisa e produção-executiva **Camila Nader e Icaro Mello**

Núcleo de Inovação/Observatório

Gerência **Marcos Cuzziol**

Coordenação **Fernando Fernandes e Luciana Modé**

Pesquisa e produção-executiva **Ítalo de Matos, Marcel Fracassi e Rafael Figueiredo**

Núcleo de Audiovisual e Literatura

Gerência **Claudiney Ferreira**

Coordenação de conteúdo audiovisual **Kety Fernandes Nassar**

Produção audiovisual **Gabriela Hagemann e Ricardo Tayra**

Captação e edição de vídeo **Flecha Produções Culturais** (terceirizada)

Captação de áudio **Rafael Bonifácio** (terceirizado)

Intérpretes de Libras **Elaine Sampaio e Naiane Olah**

Núcleo de Educação e Relacionamento

Gerência **Valéria Tolo**

Coordenação de atendimento e formação **Samara Ferreira**

Equipe **Amanda Freitas, Caroline Faro, Diego Pinheiro Vieira** (estagiário),

Edinho dos Santos, Edson Bismark, Elissa Sanitá, Joelson Oliveira,

Lucas Batista, Matheus Paz, Mayra Reis Rocha, Mônica Abreu Silva,

Monique Rocha dos Santos (estagiária), **Tawnne de Andrade, Victor Soriano,**

Victoria de Oliveira, Vinicius Magnun, Vítor Luz e Vitor Narumi

Núcleo de Infraestrutura e Produção

Gerência **Gilberto Labor**

Coordenação **Vinicius Ramos**

Produção **Carlos Eduardo Ferreira, Fabio Marotta, Maria Zelada, Priscila Tavares, Sofia Gava** (estagiária) e **Wanderley Bispo**

Núcleo de Comunicação e Relacionamento

Gerência **Ana de Fátima Sousa**

Coordenação de conteúdo **Carlos Costa**

Produção e edição de conteúdo **Amanda Rigamonti, Marcella Afonso** (estagiária) e **Thiago Rosenberg**

Redes sociais **Jullyanna Salles** e **Renato Corch**

Supervisão de revisão **Polyana Lima**

Revisão de texto **Rachel Reis**

Projeto gráfico **Maria Carolina Nassif** (estagiária) e **Mily Mabe**

Comunicação visual **Maria Carolina Nassif** (estagiária) e **Mily Mabe**

Produção editorial **Bruna Guerreiro** e **Pamela Camargo**

Equipe FAU/USP

Diretora **Ana Lúcia Duarte Lanna**

Vice-diretor **Eugênio Fernandes Queiroga**

Seção Técnica de Materiais Iconográficos da Biblioteca

Chefe da Seção Técnica de Materiais Iconográficos **Gisele Ferreira de Brito**

Técnicos administrativos **Cristiano Moraes da Trindade** e **Juliana Silva Lins**

Auxiliar administrativo **Eunice Falqueiro dos Santos**

Seção Técnica de Preservação e Conservação de Materiais **Lisely Salles de Carvalho Pinto** e **Maria Satiko Matsuoka**

Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio e Formação de Estudantes de Graduação da Pró-Reitoria de Graduação da USP **Allan Pedro dos Santos Silva, Fernando Prudente Comparini, Guilherme Mendonça Sarti** e **Nathielli Ferreira Ricardo**

Agradecimentos

Allan Pedro dos Santos Silva, Ana Lúcia Duarte Lanna, Bárbara Levi, Carlos Warchavchik, Cinemateca Brasileira, Cristiano Moraes da Trindade, Eunice Falqueiro dos Santos, Fátima Gomes, Fernando Prudente Comparini, Folha de S.Paulo, Gisele Ferreira de Brito, Guilherme Mazza Dourado, Guilherme Mendonça Sarti, Gustavo Martinelli, Instituto Moreira Salles, José Tabacow, Juliana Silva Lins, Klara Kaiser, Lisely Salles de Carvalho Pinto, Maria Satiko Matsuoka, Nanuza Luiza de Menezes, Natalie Rachid, Nathielli Ferreira Ricardo, Nelson Kon, Nestor Goulart Reis Filho, Nicola Pugliese, O Estado de S. Paulo, Odair Gaspar, Oscar Bressane, Paulo Bruna, Paulo Mauro Mayer de Aquino, Renata Fernandes e Roberto Loeb

O Itaú Cultural realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas, além das pessoas fotografadas. Caso alguém se reconheça ou identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail atendimento@itaucultural.org.br.

ABERTURA

sábado **29 de fevereiro de 2020**

VISITAÇÃO

até domingo **12 de abril de 2020**

terça a sexta | 9h às 20h (permanência até as 20h30)

sábado, domingo e feriado | 11h às 20h

piso térreo | **entrada gratuita**

      /itaucultural



Itaú Cultural

Avenida Paulista, 149, São Paulo, SP

Esta publicação foi composta da família tipográfica Adelle. O miolo e a capa foram impressos no papel Alto Alvura 120 g/m² e 180 g/m², respectivamente, pela Leograf em fevereiro de 2020

Memória e Pesquisa | Itaú Cultural

Ocupação Rino Levi / organização Itaú Cultural. - São Paulo : Itaú Cultural, 2020. 68 p. : il. ; 19x25 cm

ISBN 978-85-7979-131-4

1. Levi, Rino, 1901-1965. 2. Arquitetura. 3. Urbanismo. 4. Modernismo. 5. Exposição de arte – catálogo. I. Instituto Itaú Cultural. II. Titulo.

CDD 720.981

Bibliotecário Jonathan de Brito Faria CRB-8/8697

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7979-131-4



9 788579 791314



IPIRANGA

MAIS LUXUOSO CINEMA DO BRASIL FOX APRESENTA SEIS DESTINOS

IPIRANGA

CHARLES BOYER RITA HAYWORTH GINGER ROGERS
HENRY FONDA C. LAUGHTON ED. G. ROBINSON E OUTROS

A PARTIR DAS 12 HORAS



PROJETO e FISCALIZAÇÃO
RINO LEVI ARCHITETO
C.R.A. N.º 118
AV. IPIRANGA 440
TEL. 4-0595

CONSTRUÇÃO
SOCIÉDADÉ COMMERCIAL E CONSTRUCTORA L.ª
ENGENHEIROS EMPREITEIROS CONSTRUCTORES
D.ª L.ª LIBERO BADARO 262 8.ª TEL. 3-2146
LUIZ F. MARAL











Realização

ItaúCultural